



**Carrossel encantado: apontamentos iniciais para um
mapeamento das mostras e festivais de cinema
infantil distribuídos pelo Brasil**

Arthur Fiel¹

Pedro Alves²

Lorena Bicchieri³

¹ Doutorando em Comunicação (PPGCOM) e Mestre em Cinema e Audiovisual (PPGCINE) pela Universidade Federal Fluminense. Também roteirista, produtor e pesquisador, com atenção especial dedicada aos estudos do mercado audiovisual, políticas públicas e conteúdo audiovisual infantil.
Email: arthurfiel@id.uff.br

² Mestrando em Comunicação (PPGCOM) pela Universidade Federal Fluminense. Também educador audiovisual por formação, roteirista e crítico cinematográfico.
Email: pedro_alves@id.uff.br

³ Graduanda em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal Fluminense. Roteirista em formação e entusiasta de conteúdo infanto-juvenil.
Email: lorenabicchieri@id.uff.br

**Resumo**

Ao longo dos últimos anos, tornou-se crescente o número de mostras e festivais audiovisuais em solo brasileiro, bem como o número de pesquisas e estudos sobre os mesmos. É por entender a importância da disseminação dos registros e saberes a respeito destes eventos que, neste trabalho, dedicamos especial atenção às mostras e festivais audiovisuais voltados ao público infantil a fim de entendermos os diversos fatores que atravessam suas existências. Assim, no presente artigo, apresentamos um levantamento cartográfico que inclui 26 festivais e mostras realizadas entre os anos 2002 e 2021, distribuídas nas diversas regiões do país. Para além da geolocalização desses eventos em território brasileiro, este mapeamento também oferece elementos para compreendermos de que forma políticas culturais direcionadas aos eventos audiovisuais e à infância possibilitaram uma melhor e mais justa distribuição geográfica das mostras e festivais infantis em nosso país.

Palavras-chave: festivais audiovisuais; mostras; cinema infantil.

Abstract

Over the past few years, the number of exhibitions and film festivals in Brazil has grown, as well as the number of research and studies about them. It is because we understand the importance of disseminating records and knowledge about these events that, in this article, we dedicate special attention to audiovisual exhibitions and festivals focused on children, in order to understand the various factors that permeate their existence. Thus, this article presents a cartographic survey that includes 26 festivals and exhibitions held between the years 2002 and 2021, distributed in different regions of the country. In addition to the geolocation of these events in Brazilian territory, this mapping also offers elements to understand how cultural policies aimed at audiovisual events and childhood have enabled a better and fairer geographic distribution of children's exhibitions and festivals in our country.

Keywords: film festivals; exhibitions; children's cinema.



Introdução

Ao longo das últimas duas décadas, o segmento de festivais e mostras audiovisuais no Brasil apresentou significativo e notório crescimento, saindo do registro de 132 eventos no ano de 2006 (MATTOS; LEAL, 2009) para 349 no ano de 2019 (CORRÊA, 2020). Estes dados apontam não só para o crescente desenvolvimento do segmento dentro do mercado audiovisual nacional, como também a relevância e a potência econômica, política, social e cultural dos festivais para o audiovisual brasileiro.

Neste trabalho, objetivamos apresentar um mapeamento de festivais e mostras de cinema infantil espalhados pelo território brasileiro, por entendermos a potência deste nicho, tendo ainda o intuito de que este levantamento forneça ferramentas para os estudos dos festivais e do cinema infantil brasileiro, bem como para o desenvolvimento de estratégias e políticas públicas para o setor, incluindo a formação de público para o cinema nacional. Nesta publicação, foram considerados, exclusivamente, os eventos audiovisuais que nominalmente se apresentam como dedicados ao público infantil, não sendo consideradas as mostras dedicadas às obras infantis que compõem eventos audiovisuais gerais.

Assim, neste artigo, encontram-se listados 26 festivais e mostras organizados/realizados entre os anos 2002 e 2021, distribuídos em diversas regiões do país. Para além da geolocalização desses eventos em território brasileiro, este estudo também oferece elementos para compreendermos de que forma políticas culturais direcionadas aos eventos audiovisuais e à infância possibilitaram uma melhor e mais justa distribuição geográfica de mostras e festivais infantis no país, potencializando, desta forma, a formação de público, a criação de um circuito de nicho, e a melhor distribuição do cinema nacional direcionado ao público infantil/infantojuvenil.

Para atingirmos o objetivo central desta pesquisa, adotamos um processo metodológico amplo, diversificado e adaptado aos nossos objetos. As etapas do trabalho podem ser assim descritas: a) analisamos publicações oficiais fornecidas pela Associação Cultural KinoForum⁴, realizadas pelo Fórum dos Festivais; b) realizamos buscas na própria plataforma do KinoForum e também na plataforma Film FreeWay, ambas destinadas a agrupar eventos audiovisuais; c) realizamos, ainda, buscas por listas e eventos audiovisuais na ferramenta algorítmica do Google; d) solicitamos à Secretaria Especial de Cultura dados e documentos de eventos por ela apoiados nos últimos anos; e) contatamos também diversas Secretarias de Cultura dos Estados nos quais não haviam sido localizados eventos audiovisuais destinados às crianças, a fim de ter um posicionamento dos órgãos oficiais sobre a existência ou não de eventos

⁴ Disponível em: <http://www.kinoforum.org.br/guia/>



infantis que contaram ou não com seus apoios; f) e, finalmente, buscamos na rede social Instagram através do uso de *hashtags*⁵ a fim de localizar publicações que evidenciassem a promoção de eventos destinados ao público infantil nesta plataforma. Pontua-se que as palavras utilizadas nas buscas aqui citadas nas plataformas e documentos analisados entre os itens a) e d) foram: “infantil; infantojuvenil; criança; e *kids*”.

O conjunto de informações sistematizado e analisado leva em consideração: a distribuição geográfica dos festivais e mostras de cinema infantil no país; o ano de nascimento destes eventos; o número de edições realizadas; a continuidade e/ou descontinuidade dos eventos; os formatos e origens das obras por eles aceitas (curtas, longas, nacionais, internacionais); a existência de ações de itinerância ou de extensão para além da exibição de obras em seus espaços e tempos formais de realização (cineclubismo, ações em espaços escolares), entre outros aspectos que consideramos relevantes para atingir o objetivo de nossa análise.

Como um dos nortes estruturais para o desenvolvimento deste estudo, entendemos que os direitos culturais são “parte integrante dos Direitos Humanos, ligados à liberdade e igualdade, são universais, indivisíveis e interdependentes” (SILVA, 2020: 206). O direito da criança à cultura, por sua vez, é previsto e reconhecido por diversos órgãos e agentes institucionais, a saber: Organização das Nações Unidas, por meio da Convenção sobre os Direitos da Crianças⁶, datada de 1989; na Constituição Brasileira (1988); na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ratificada em 1996; no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, além de diversos outros instrumentos legais que o reconhece como fundamental.

Adicionalmente, reforçamos nosso entendimento dos eventos audiovisuais como importantes instrumentos de difusão e promoção da cultura audiovisual e também como um campo de ação estratégica para o setor, cuja relevância se dá:

[...] a) pelo que pode e deve revelar de novos valores, novas idéias, novas culturas, através da participação ativa do maior número de países; b) pelo mercado de venda de filmes, que proporciona a comercialização do produto aos mais diversos países; c) porque permite o contato entre as pessoas, das mais diferentes regiões ou países, que trocam idéias entre si, que travam ou ampliam seu conhecimento do que está se passando no mundo cinematográfico (ALENCAR, 1978: 5).

⁵ Hashtags utilizadas no Instagram: #festivalinfantil; #festivalinfantildecinema; #festivaldecinemainfantil; #mostradecinemainfantil; #mostrainfantil; #mostrainfantildecinema

⁶ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>



Para além disto, acreditamos e reconhecemos o cinema como arte e campo cultural que gera reconhecimento, identificação e conexão com sua própria e com outras vivências e realidades culturais. Desta forma, o acesso às artes e à cultura cinematográfica, para as crianças e para todos, deve ser entendido como um patrimônio cultural. Assim, “a postura defendida é de distribuição justa de riquezas, inclusive as do tesouro artístico-cultural-educacional e da democratização dos conhecimentos.” (CAMPOS, 2008: 73).

Discussões iniciais sobre os festivais

Os festivais de cinema formam um objeto plural e complexo. A dificuldade de definição ou consenso tanto entre os estudiosos, quanto pelos realizadores audiovisuais (MATTOS, 2013; LEÃO, 2017), deve-se em grande parte por conta dos vários setores do audiovisual que são afetados diretamente pela ocorrência desses eventos. Nesse sentido, cabe sinalizar que os festivais e mostras operam em cada uma das bases do tripé da indústria audiovisual: produção, ao possuírem fundos de auxílio direcionados a realizadores; distribuição, ao sediarem o comércio entre realizadores e distribuidoras; e exibição, atuando como a principal janela de projeção de muitas produções independentes como, por exemplo, os curtas-metragens, que ainda possuem os festivais como sua principal janela de exibição. Ou seja,

(...) os festivais de cinema não são importantes apenas pelo que oferecem na tela, ou por suas reivindicações sobre política, cultura e identidades, mas também por sua centralidade nas redes, nos negócios, no conhecimento e na circulação que constituem o cinema global hoje (WONG, 2011: 4, tradução nossa)⁷.

Por conta de sua atuação em vários setores do audiovisual, os festivais constituem um importante instrumento na formação tanto de público, quanto de realizadores. Por mais que cada um dos eventos possua suas particularidades históricas, sociais e culturais – perceptíveis em sua formação, bem como em sua trajetória (ou interrupção) –, algumas pesquisas almejam uma categorização dos elementos mais gerais que os constituem. Uma definição possível para o que constitui um festival de cinema seria uma “iniciativa estruturada em mostras ou sessões capaz de promover o produto audiovisual, respeitando-o como manifestação artística e disponibilizando-o à sociedade, com proposta de periodicidade regular” (MATTOS;

⁷ No original: “(...) film festivals are not only important for what they offer on-screen, or for their claims about politics, culture, and identities, but also for their centrality to the networks, business, knowledge, and circulation that constitute global film today”.



LEAL, 2009: 2). Ainda que esta definição se demonstre estruturante para a compreensão do que caracteriza um evento audiovisual, é justamente em relação à periodicidade regular que, no caso dos eventos audiovisuais infantis, foram percebidas algumas adversidades, já que algumas das mostras e festivais presentes neste estudo possuem periodicidade não anual, como se costuma contabilizar.

Um outro fator de relevância para o setor, é o fato de o mercado audiovisual observar muito atentamente as exibições de filmes independentes nos festivais de cinema consagrados. Tais sessões oferecem as primeiras impressões sobre determinadas obras, assim como um termômetro de recepção através de público e crítica, e, muitas vezes, o primeiro contato entre distribuidoras e realizadores ainda não estabelecidos. As reuniões de compra que ocorrem paralelamente durante os festivais levam em conta todos esses fatores e traçam o percurso mercadológico ideal para cada um dos filmes adquiridos. Cada festival tem a sua particularidade de mercado como pontua Caroline Libresci, programadora internacional do festival de Sundance: “Se você levar seu filme para Rotterdam, terá todos os olhos europeus sobre você e, em Sundance, terá todos os olhos americanos sobre você – com sorte” (2004 *apud* WONG, 2011: 3, tradução nossa)⁸.

Essa possibilidade de contato entre distribuidores, produtores e outros profissionais do audiovisual também se mostra muito proveitosa para os realizadores. Através dos festivais, forma-se uma rede de contatos entre profissionais de várias nacionalidades e trajetórias, criando assim possibilidades de investimentos e parcerias em produções futuras. Além disso, os festivais possibilitam uma análise de tendências e movimentos cinematográficos ao agrupar obras que possuem semelhanças, aproximações e até mesmo contrapontos estéticos e narrativos.

Já em relação ao público, podemos distinguir dois tipos: os moradores da localidade onde os festivais ocorrem e os espectadores “especializados” que viajam até o lugar. Os festivais “são momentos de exceção, singulares, que proporcionam episódios festivos e fraturam o ritmo normal do cotidiano” (LEÃO, 2017: 65) para os moradores da região onde acontecem. Muitas das vezes, ocorrem em lugares que não possuem salas de exibição e possibilitam que seus cidadãos possam acompanhar projeções gratuitamente ou a preços módicos, fato que não seria possível sem a feita do evento na região. Analisando o caso brasileiro, entretanto, percebemos que o número de festivais está diretamente relacionado à quantidade de salas de cinema existentes em cada região do país. Em pesquisa recente, Corrêa (2020) enumera o número de

⁸ No original: “If you take your film to Rotterdam, you have all European eyes on you, and at Sundance, you have all American eyes on you—hopefully”.



festivais que ocorrem em cada uma das regiões: 155 festivais no Sudeste; 79 festivais no Nordeste; 52 festivais no Sul, 36 festivais no Centro-Oeste e 10 festivais no Norte. Por sua vez, cada uma dessas regiões detém a seguinte quantidade de salas de exibição: 1.846 salas no Sudeste; 586 salas no Nordeste; 554 salas no Sul; 286 salas no Centro-Oeste e 235 salas no Norte⁹.

Entre outros aspectos, vale citar que durante os festivais são oferecidos oficinas e cursos com o objetivo de capacitar profissionais ou desenvolver o conhecimento do público em relação ao audiovisual. Sobre o público “especializado”, que viaja para participar do festival e é composto, muitas das vezes, por críticos de cinema, cinéfilos e profissionais do audiovisual, podemos pontuar também sua significativa colaboração para a movimentação da economia, em diversos segmentos, no local de realização desses eventos.

Finalmente, a importância dos festivais fica ainda mais evidente considerando o monopólio da exibição que ocorre em nosso país, influenciado diretamente pelas grandes corporações estadunidenses que detém o controle sobre a grande parte do conteúdo exibido em território brasileiro (MELEIRO, 2010; BUTCHER, 2019). Os festivais, então, adquirem importância ímpar ao dar visibilidade para produções nacionais que de outra forma não conseguiriam uma janela de exibição no circuito comercial por conta dos interesses mercadológicos e hegemônicos que os controlam. Essa situação somente se intensifica ao considerarmos o conteúdo produzido para o público infantil que, além de também sofrer com tal controle, tem suas próprias particularidades devido a sua trajetória errática de volume de produções, como exploraremos a partir de agora.

A problemática do cinema infantil brasileiro

O cinema infantil brasileiro carrega, ao longo de sua história, as contradições próprias da indústria cultural ocidental, dividida entre a arte e o mercado, entre a definição de que o público é formado por espectadores ou consumidores. Inevitavelmente, essas dicotomias se referem também ao público infantil. E os filmes brasileiros feitos para crianças traduzem, em sua concepção, todas essas questões. (MELO, 2011: 169)

⁹ Dados obtidos no Anuário Estatístico do Cinema Brasileiro 2019. Disponível em: https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/anuario_2019.pdf. Acessado em: 19 de julho de 2021.



Tendo realizado apontamentos acerca da importância dos festivais para a dinâmica própria do segmento audiovisual, bem como da importância do acesso ao cinema e às diversas formas de expressões artísticas e culturais por parte das crianças, dedicaremos especial atenção à trajetória do cinema infantil brasileiro a fim de evidenciar a importância e relevância do público infantil dentro da história do cinema nacional.

João Batista Melo (2011), aponta o curta *Jonjoca, o dragãozinho manso* (1946) dirigido por Humberto Mauro, como o primeiro filme infantil brasileiro. Trata-se de uma obra de 25 minutos de duração, realizado sob aval do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), mas que, de acordo com o autor, não possuía necessariamente fins educacionais, como a grande parte das produções do INCE, e fora realizado “com fins de entretenimento, e com uma temática mais próxima do universo das crianças” (2011: 93). Depois de *Jonjoca*, surgiram outras obras do INCE que passaram a beber na fonte da cultura popular e infantil em suas realizações, a exemplo de *A velha a fiar* (1964), também assinada por Mauro.

Foi somente na década de 1950 que se registrou nas salas de cinema do país obras declaradamente dedicadas ao público infantil, sendo a primeira delas, e também o primeiro longa animado produzido no Brasil, a obra *Sinfonia Amazônica* (1952), de Anélio Latini Filho. Lançado neste mesmo período, quase simultaneamente, temos o primeiro longa-metragem infantil filmado em *live-action*, *O Saci* (1953), de Rodolfo Nanni – que chega às salas em sintonia com a primeira versão do seriado *Sítio do Pica-Pau Amarelo* (TV Tupi, 1952), lançado na televisão brasileira (MELO, 2011; FIEL, 2019). Esses foram os dois primeiros e únicos filmes nacionais de longa-metragem dedicados às crianças naquele momento.

Nos anos 60, ainda era pouca a atenção dada ao cinema infantil por parte dos produtores brasileiros. Até meados dessa década, apenas dois outros longas haviam chegado às salas de cinema: *O vigilante rodoviário* (1962), de Ary Fernandes, que na verdade era a “adaptação” da série homônima veiculada na televisão; e, *Pluft, o fantasminha* (1964), de Romain Lesage, baseado na já conhecida obra de Maria Clara Machado, publicada em 1955. Essa situação começa a mudar quando Renato Aragão, em 1967, encarna *O Adorável Trapalhão*, dirigido por J.B. Tanko. Tal fato merece especial destaque, pois o grupo que viria a se formar adiante, e que se tornou conhecido como *Os Trapalhões*, foi responsável pelo estabelecimento e pela manutenção de uma constante produção cinematográfica destinada ao público infantil. Durante o período de atividade do que entendemos como uma filmografia pertencente ao quarteto trapalhão, temos mais de 40 filmes lançados entre 1965 e 1999. Após os anos 2000, temos pouco



menos de 10 lançamentos que serão significativos dentro de um novo momento e período do cinema nacional e, por isso, serão mencionados apenas mais adiante.

Na década de 1970, temos um mercado um pouco mais atento e interessado em se comunicar com o público infantil, como aponta Fiel:

Para além da filmografia atribuída ao quarteto trapalhão, símbolo de sucesso, foram lançados quinze filmes destinados ao público infantil nas salas de cinema do Brasil. Dentre eles: a trilogia do *Tio Maneco*, protagonizados e dirigidos pelo ator e diretor Flávio Migliaccio; *A dança das Bruxas (1970)*, de Francisco Dreux; *Meu Pé de Laranja Lima (1970)*, de Aurélio Teixeira; *O picapau amarelo (1973)*, de Geraldo Sarno; *O detetive Bolacha contra o gênio do crime (1973)*, de Tito Teijido; *Uma aventura na floresta encantada (1977)*, de Mário Latini; entre muitos outros. (2018: 69-70)

A década seguinte mantém o mercado aquecido e as salas recebem 29 filmes, entre 1980 e 1989, como listado por Melo (2011). Aqui, cabe mencionar que, destes lançamentos, 16 integram a franquia dos Trapalhões. Outras obras audiovisuais lançadas nesse momento, no entanto, tornam-se dignas de especial atenção. A primeira narrativa criada para o formato de longa-metragem da famosa Turma da Mônica, *A princesa e o robô (1983)*, de Maurício de Sousa, chega às salas de cinema. No final da década anterior, Maurício havia conseguido levar sua Turma às salas, mas com uma obra que, na verdade, era um compilado de episódios seriados – prática que, por vezes, se repetiu na história da animação brasileira. Vale, ainda, mencionar que na década de 1980 algumas outras obras fugiam do esquema “da telinha à telona”, como o longa-metragem de animação *Boi Aruá (1983)*, do artista plástico baiano Chico Liberato, cuja estética se inspira na cultura popular nordestina e na xilogravura da literatura de cordel; *O Cavalinho Azul (1984)*, de Eduardo Scorel; e *A dança dos bonecos (1985)*, de Helvécio Ratton, entre outros, que foram concebidas, especificamente, para ter como destino de circulação primária os festivais e as salas de cinema do país.

Os anos 90 foram particularmente difíceis para o cinema brasileiro. Isso porque, ao assumir a Presidência da República, em março de 1990, Fernando Collor de Mello extingue diversas empresas estatais, dentre elas a Embrafilme, como aponta o professor Tunico Amancio:

A operação de desmonte da atividade cinematográfica atingiu a capacidade de produção e competição do cinema brasileiro no seu próprio mercado. Nem mesmo foram



preservados os mecanismos de controle estatísticos por parte do Estado. De uma situação de estabelecimento confortável frente ao mercado, o cinema reduziu-se novamente a uma atividade periférica, recomeçando do zero. (2007: 181)

Apesar de tal acontecimento, o cinema infantil continuou a levar crianças e familiares às salas de cinema. Assim, foi ainda em 1990 que a apresentadora Xuxa Meneghel, que havia estreado na telona em *Super Xuxa contra o baixo astral* (1988), de Anna Penido e David Sonnenschein, leva às salas de cinema mais de 4 milhões de espectadores com a obra *Lua de Cristal* (1990), dirigida por Tizuka Yamazaki, configurando-a como a maior bilheteria¹⁰ do cinema nacional em toda década de 1990.

(...) [A]inda em 1990 temos o lançamento de *Uma escola atrapalhada*, levando 2,6 mi de espectadores às salas; em 1991, *Os Trapalhões e a árvore da Juventude*; em 1993, *Era uma vez...*, de Arturo Uranga; em 1995, *O menino Maluquinho*, dirigido por Helvécio Ratton, e seguimos com mais nove filmes direcionados ao público infantil até o ano de 1999. Esses filmes, especificamente, não foram todos sinônimos de um extremo sucesso, mas continuavam a levar milhares e milhões de espectadores às salas de cinema em busca de produção nacional quando boa parte de nossas salas já estavam tomadas pelas superproduções norte-americanas. (FIEL, 2018: 72)

A apresentadora Xuxa Meneghel, que logo cedo fora coroada “rainha dos baixinhos”, tornou-se a franquia mais potente desse segmento nas salas de cinema. Há diversas críticas às narrativas vividas por ela na telona, que parecia apenas se aproveitar do poderio obtido por sua persona no meio televisivo para continuar gerando lucro à sua franquia no cinema (VALENTE, 2000; MELO, 2011).

Os anos 2000, no entanto, também podem ser apontados como um momento de virada no modo de fazer filmes para crianças, pois, no decorrer da década, o recém-iniciado século XXI traria novas prerrogativas acerca do protagonismo infantil e da criança como fio condutor da narrativa e solucionadora dos conflitos de suas histórias (FIEL, 2020).

¹⁰ Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/sites/default/files/repositorio/pdf/2105.pdf>. Acessado em 18 de julho de 2021.



Entre os anos 2000 e 2010, Melo (2011) contabiliza 26 obras de longa-metragem lançadas nas salas de cinema. Dentre elas se encontram duas obras da indiazinha *Tainá* (Tânia Lamarca e Sérgio Bloch, 2010; Mauro Lima, 2005), sendo a terceira lançada em 2011 e dirigida pela diretora Rosane Svartman; *Brichos* (2006), de Paulo Munhoz; *Garoto Cósmico* (2008), de Alê Abreu; e *Eu e meu guarda-chuva* (2010), de Toni Vanzolini, entre outras – a maioria pertencente às franquias Xuxa e Trapalhães, sendo 8 protagonizados pela rainha dos baixinhos e 5 pelo Didi, “o líder trapalhão”.

No período de 2011 e 2019 foram lançados pouco mais de 20 filmes direcionados ao público infantil nas salas de cinema, alguns deles merecedores de menção especial, como *O segredo dos diamantes* (2014), de Helvécio Rattón¹¹, nome importante para o cinema infantil nacional; *O menino no espelho* (2014), de Guilherme Fiuza; *Historietas Assombradas para crianças malcriadas* (2017), de Victor-Hugo Borges; e *Peixonauta, o filme* (2018), de Célia Catunda, Kiko Mistorigo e Rodrigo Eba, dentre outros. As obras até aqui citadas são pertencentes a produtoras com um perfil mais independente, mesmo quando oriundas de projetos também presentes no mercado televisivo, caso dos dois últimos filmes citados. É, neste mesmo sentido, que cabe aqui realizar algumas outras menções a filmes relacionados às obras televisivas. Inicialmente, tem-se *Carrossel* (2015), de Mauricio Eça e Alexandre Boury, e *Carrossel 2 – O sumiço de Maria Joaquina* (2016), de Maurício Eça, que são baseados no *remake* da já conhecida novela infantil da televisão brasileira, exibida pelo SBT, e que foram responsáveis por levarem, juntos, cerca de 5 milhões de telespectadores às salas. Também o inédito caso dos três filmes dos *Detetives do Prédio Azul* lançados até o momento e oriundos de série homônima presente na grade do canal infantil Gloop, no mercado pago. Ambas as franquias, tanto *Carrossel* como *D.P.A.* se tornaram as primeiras obras infantis a sair do segmento televisivo e alcançar um notório sucesso nas salas de cinema, visto que, cada um dos filmes atraíram mais de 2 milhões de espectadores às salas.

Vale frisar que estamos ainda nos referindo aos lançamentos em salas de cinema. No entanto, é justamente no período pós anos 2000 que o cinema infantil brasileiro vive um novo momento, não só de reconfiguração em seu modo de fazer, como também passa a ser pauta de políticas públicas – que, inclusive, são responsáveis pela mudança nesses e noutros modos. Beth Carmona, responsável pelo edital *Curta-Criança*, política pública voltada à produção de curtas infantis que trazia em seu subtítulo

¹¹ A trajetória pessoal e profissional do cineasta foi revisitada durante a edição remota do Festival É TUDO CRIANÇA (2021), ao qual ele concedeu uma entrevista revisitando algumas de suas obras e memórias.. Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8UjZ_xvUwSM



“*histórias brasileiras para crianças brasileiras*”, revela em recente entrevista concedida à Fiel e Amâncio que, no caso deste edital:

[a] ideia foi lançar uma chamada para histórias de 15 minutos, vindas do Brasil inteiro, onde uma criança fosse a protagonista. A criança no centro, como a filosofia trazida para nós por um grande produtor holandês Jan-Willem Bult. No edital, os projetos passavam por um júri e as melhores ideias recebiam uma formação internacional de 4 a 5 dias, para que fossem aprimoradas. Isso nos dava a certeza que no final teríamos histórias infantis e não curtas adultos com crianças em cena. O dinheiro para realização de cada curta era pouco, mas a quantidade de inscritos foi enorme desde os primeiros momentos. A coordenação ficou inteira nas mãos da TVE, que exibia os curtas e os primeiros resultados foram incríveis. Ver uma história com uma criança mineira, cearense ou baiana sendo exibida pelo Brasil inteiro era uma glória. Para o menino do sul era uma maravilha ver o menino do norte e do nordeste, e vice-versa. (2021: 180-181)

Como se percebe, a história do cinema infantil brasileiro é atravessada por diversas problemáticas ao longo dos anos, tendo poucas produções independentes e desvinculadas da indústria televisiva lançadas nas salas de cinema. O incentivo a um atento olhar lançado ao cinema infantil brasileiro, de fato, surge com políticas públicas como o edital Curta-Criança, e também com o entendimento de alguns produtores e agentes culturais de que, mais que políticas públicas, é preciso formar um público cativo para estas obras, pois, as crianças brasileiras, de fato, precisam se ver, se reconhecer e conhecer outras infâncias locais nas telas. Foi justamente com essa prerrogativa que nasceu a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, idealizada por Luiza Luz Lins, no ano de 2002.

A Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis é o primeiro evento audiovisual nominalmente dedicado aos filmes infantis, sobre ela dedicaremos um outro espaço neste trabalho. Após todo esse percurso histórico, trazemos o que chamamos de *Carrossel Encantado*. Nossa opção por este título leva em consideração o popular brinquedo infantil, geralmente presente em festas populares e parque de diversões, cujo movimento se dá de forma circular, com subidas e descidas, e é capaz de promover laços e sorrisos que ficam ainda mais fortes, múltiplos e memoráveis quando

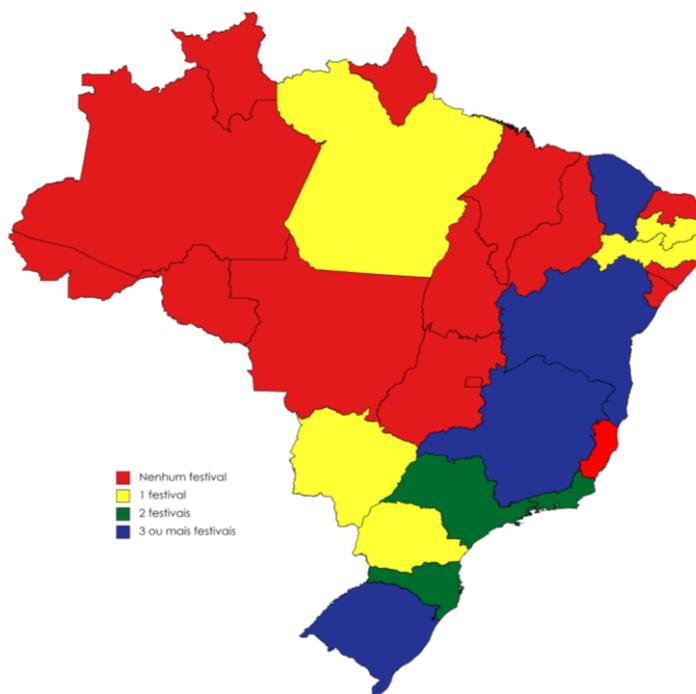


experienciados de modo coletivo. O que também se percebe no mapeamento que, agora, apresentaremos.

Mapeamento e análise de dados

Para uma melhor compreensão da geolocalização dos eventos audiovisuais dedicados ao público infantil, optamos pela apresentação de dois mapas distintos: no primeiro deles descrevemos a quantidade de festivais por região; no segundo, apontamos a quantidade de festivais encontrados em cada uma das Unidades Federativas do país. Após a apreciação das imagens, seguimos o texto descrevendo os eventos audiovisuais de cada região e Estado, também apontando algumas de suas peculiaridades e aspectos. Vejamos:





Figuras 1 e 2: Mapas de festivais por Região e Estados, respectivamente.
Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Distribuição das mostras e festivais infantis por região do país

Nossa pesquisa contabilizou 26 festivais e mostras infantis distribuídas pelo país. Considerando 25 eventos desse total, nove foram localizados na região Nordeste (36%), oito na região Sudeste (32%), seis na região Sul (24%), e apenas um na região Centro-Oeste (4%) e na Norte (4%). Optamos por não colocar o Festival Internacional de Cinema Infantil - FICI nesta porcentagem, uma vez que ele se posiciona como um festival de alcance nacional. Sobre ele, discorreremos com mais detalhes adiante.

NORTE

Na região Norte, no estado do Pará, verificamos a existência do *Bacuri - Mostra de Cinema Infantil*, na capital Belém. O festival exibiu curtas-metragens nacionais e internacionais, além de oferecer oficinas e palestras; no entanto, teve apenas uma edição, no ano de 2010.

Nome	Cidade/UF	Ano de início
Bacuri - Mostra de Cinema Infantil	Belém/PA	2010



CENTRO-OESTE

Na região Centro-Oeste ocorreu a *Mostra Infantil de Cinema de Campo Grande* (MICC), na capital do estado de Mato Grosso. Encontramos informação sobre este festival em publicação, no Diário Oficial da União, datada de 8 de maio de 2006¹². No entanto, outros dados como data de início e número de edições não foram localizados.

Nome	Cidade/UF	Ano de início
Mostra Infantil de Cinema de Campo Grande - MICC	Campo Grande/MT	Informação não obtida.

SUL

Na região Sul, em Santa Catarina, acontece a *Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis*, que é o primeiro festival nominalmente dedicado ao público infantil no país. Datado de 2002, o festival, que está em sua vigésima edição, exhibe curtas e longas-metragens (ficção, documentários e animações) nacionais e internacionais. Oferece oficinas e palestras, além de organizar o Circuito de Cinema Infantil, uma série de conversas sobre infância, audiovisual e educação com profissionais da área. Também em Santa Catarina ocorre o *Corujinha*, na cidade de Balneário Camboriú, que está em sua terceira edição – no entanto sua edição do ano de 2021 foi adiada para 2022 devido a pandemia da Covid-19. Ele exhibe curtas, médias e longas-metragens, além de receber seriados, fotografias, músicas e roteiros – nacionais e internacionais. Também há projeção dos filmes nas redes de escolas municipais e particulares, atividades de mercado, encontro de coprodução com foco no país, homenagens, residência artística, oficinas, palestras e debates.

O Paraná possui a *SACI - Semana de Animação e Cinema Infantil*, em Curitiba, cuja primeira ocorrência registrou-se no mês de novembro de 2021, em formato híbrido, acontecendo tanto presencialmente quanto de modo remoto, e apresentando ao público curtas e longas-metragens nacionais e internacionais.

Por fim, no Rio Grande do Sul, contamos três eventos. A *SEMENTE - Mostra Infantil de Cinema e Sustentabilidade*, iniciada no ano de 2016, exhibe curtas-metragens nacionais e oferece seminários. O *Cine Caramelo*, iniciado em 2014, está agora em sua sétima edição – em 2020, o festival se juntou a um outro evento, mas não considerou

¹² Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/567022/pg-3-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-08-05-2006>. Acessado em: 20 de julho de 2021



alteração no número de edições. Dentro de seu programa, exhibe curtas-metragens nacionais e internacionais. Localizamos ainda o *Primeira Janela - Festival Infantojuvenil de Porto Alegre*, que teve início em 2014 e registrou sua última edição em 2018. O festival, em seu pouco tempo de vida, exibiu curtas-metragens nacionais e internacionais, e, longas-metragens convidados. Além disso, também oferecia atividades paralelas como seminários e oficinas. Todos os festivais citados neste parágrafo foram localizados na cidade de Porto Alegre.

Nome	Cidade/UF	Ano de início
Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis	Florianópolis/SC	2002
Corujinha	Balneário Camboriú/SC	Informação não obtida
SACI - Semana de Animação e Cinema infantil	Curitiba/PR	2021
Primeira Janela – Festival de Cinema Infantojuvenil de Porto Alegre	Porto Alegre/RS	2014
SEMENTE - Mostra Infantil de Cinema e Sustentabilidade	Porto Alegre/RS	2016
Cine Caramelo	Porto Alegre/RS	2014

NORDESTE

Na região Nordeste, no estado de Pernambuco registramos a ocorrência da *Roi-Roi Mostra de Cinema Infantil*, em Triunfo, realizado somente no ano de 2018 e que exibiu exclusivamente obras de curtas-metragens. Também da *Takorama*, uma iniciativa da *Associação Internacional Films pour Enfants* que, no Brasil, foi proposta pela produtora 3emeio e, em 2021, foi realizada com incentivo pela Secretaria de Cultura de Pernambuco por meio da Lei Aldir Blanc. Exibiu curtas-metragens de diversas origens e promoveu *lives* e aulas fechadas com a temática Cinema e Educação, de maneira totalmente online.

No Ceará, foram localizados os dois eventos realizados na cidade de Fortaleza: o *Cineduca - Mostra do Cinema Educativo e Infantil*, que em sua segunda edição contou



com o apoio da Lei Aldir Blanc e ocorreu de modo online, devido às circunstâncias causais, decorrentes da pandemia do novo coronavírus; e o *Festival de Cinema Infantil do Ceará* (FCIC), que iniciou em dezembro de 2020, online, e exibiu curtas-metragens nacionais, além de ter realizado debate com realizadores sobre processo criativo. Por fim, registramos a *Mostra Internacional Infantil* (MIAU), evento itinerante que acontece nas cidades de Canindé, Caucaia, Fortaleza, Itapipoca e Santa Quitéria e, desde 2019, dedica-se a exibir curtas-metragens de origem nacional e internacional.

Na Bahia, ocorre o *Cineminha B - Festival de Cinema Infantil*, em Salvador, lançado em 2018 e que aceita curtas e longas-metragens (ficção, documentário e animação) nacionais e internacionais, além de também promover debates e oficinas. O *ManduCA - Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira*, na cidade de Cachoeira, também criado em 2018, teve sua terceira edição suspensa em 2020 e retomada em 2021, no modo online em decorrência da pandemia. A mostra é uma realização do grupo PET Cinema e do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB). O evento também conta com o apoio do Núcleo de Políticas de Inclusão (NUPI/UFRB), que viabiliza a interpretação em Libras das diversas atividades do evento, como oficinas e mesas redondas, para além da exibição de curtas-metragens e episódios de séries nacionais. Por fim, é na Bahia a recém-nascida *Mostra de Cinema Infantil Luz Mágica*, que estreou em 2021 de maneira totalmente online, exibindo em sua programação curtas, longas e episódios de seriados nacionais, além de promover debates, oficinas e contação de história.

O último estado em que registramos festivais ou mostras infantis/infantojuvenis é a Paraíba, onde ocorreu o *Fest Aruandinha*, em João Pessoa. Teve apenas duas edições – em 2016 e em 2018 – e contava com a exibição de curtas e longas-metragens nacionais.

Nome	Cidade/UF	Ano de início
Rói-Rói Mostra de Cinema Infantil	Triunfo/PE	2018
Takorama	Pernambuco / Paris	2021
Cineduca – Mostra do Cinema Educativo e Infantil	Ceará	2019
Festival de Cinema Infantil do Ceará (FCIC)	Fortaleza/CE	2020



Mostra Internacional Infantil de Audiovisual (MIAU)	Canindé, Caucaia, Fortaleza, Itapipoca e Santa Quitéria/CE	2019
Cineminha B - Festival de Cinema Infantil	Salvador/BA	2018
ManduCA – Mostra de Cinema Infantojuvenil de Cachoeira	Cachoeira/BA	2018
Mostra de Cinema Infantil Luz Mágica	Bahia	2021
Fest Aruandinha	João Pessoa/PB	2016

SUDESTE

Na região Sudeste, no estado do Espírito Santo, não foi possível localizar mostras e festivais independentes que fossem nominalmente direcionadas aos filmes infantis, apenas janelas de exibição destes conteúdos integrados à programação de eventos audiovisuais gerais.

No Rio de Janeiro, o *Festival Internacional Pequeno Cineasta* (FIPC) estreou em 2010 e seu objetivo era mostrar e premiar filmes feitos por crianças e adolescentes brasileiros e internacionais. O evento também promoveu workshops, mesas “redondinhas”, mediadas por crianças e educadores, e uma versão itinerante – mas, sua última edição aconteceu em 2019. Também na capital fluminense, o *Superfantástico! Festival de Cinema Infantil* foi realizado nos anos de 2012, 2013 e 2014, voltado para curtas e longas-metragens nacionais mais comerciais.

No Estado de São Paulo, localizamos o Festival *comKIDS - Prix Jeunesse Iberoamericano*, na capital paulista, que ocorre em anos ímpares em edições convencionais, e em anos pares com edições especiais. O evento recebe séries, programas, curtas e médias-metragens, telefilmes e webséries, *live-action* ou animação, nacionais e internacionais. Além da exibição dos filmes, conta com workshops e debates e reúne profissionais de diversos países da Ibero-América. O *MIIA - Mostra Itinerante Infantojuvenil de Audiovisual* ocorreu nas cidades de Taboão da Serra e Diadema e teve somente uma edição, em 2018. O evento recebeu pilotos de séries, curtas e longas-



metragens dos mais diversos formatos (ficção, documentários e animações), além de realizar oficinas e palestras.

Em Minas Gerais foram encontrados quatro eventos festivais direcionados ao público infantil. O *Cinema de Brinquedo - Festival de Cinema Infantil de Belo Horizonte*, que aconteceria em 2020 na capital mineira, por conta da pandemia foi adiado para o ano de 2021. O *Festival de Cinema Infantil É Tudo Criança*, em Leopoldina, foi lançado em 2019 –sua segunda edição foi adiada para 2021, pelo mesmo motivo que o anterior –, e sua realização só é possível por ser viabilizada pela Lei Aldir Blanc. Esse festival ocorreu de forma completamente online e contou com exibição de curtas-metragens nacionais, sessões especiais, com longas convidados, webinários, oficinas e debates. O terceiro festival localizado no estado de Minas Gerais foi o *Cine Miguilim - Festival de Cinema Infantil*, em Uberlândia, que aconteceu pela primeira vez em 2021 em formato *drive-in*. Por último, localizamos o *RecriaCine - Mostra de Cinema para Crianças e Adolescentes*, em Ervália, que surgiu em 2015 e possui oficinas, debates e sarau, além da exibição de curtas-metragens nacionais.

Nome	Cidade/UF	Ano de início
Festival Internacional Pequeno Cineasta (FIPC)	Rio de Janeiro/RJ	2010
Superfantástico! Festival de Cinema Infantil	Rio de Janeiro/RJ	2012
Festival comKids – Prix Jeunesse Iberoamericano	São Paulo/SP	2009
MIIA - Mostra Itinerante Infantojuvenil de Audiovisual	Taboão da Serra e Diadema/SP	2018
Cinema de Brinquedo — Festival de Cinema Infantil de Belo Horizonte	Belo Horizonte/MG	2021
Festival de Cinema Infantil É Tudo Criança	Leopoldina/MG	2019
Cine Miguilim - Festival de Cinema Infantil	Uberlândia/MG	2021



Recria Cine - Mostra de Cinema para Crianças e Adolescentes	Ervália/MG	2015
---	------------	------

Menções honrosas

Dos vinte e cinco eventos citados acima, três se destacam no cenário nacional: a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, o Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI) e o Festival comKids - Prix Jeunesse Iberoamericano, que serão abordados com maior detalhamento. Decidimos falar separadamente sobre eles devido a sua importância e relevância para o fortalecimento do circuito de eventos audiovisuais infantis e também para a divulgação de novas obras brasileiras.

Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e mif.Kids

Criada por Luiza Lins em 2002, a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis tem como proposta “a inclusão social, a educação através do cinema e o desenvolvimento do cinema infantil nacional”¹³. Foi pioneiro no Brasil e, por este motivo, é um marco para a história do conteúdo audiovisual para crianças no país, dada a abertura que possibilitou a realizadoras e realizadores com obras dedicadas à infância o direcionamento de suas produções para um evento que mirasse, exclusivamente, no público infantil. A mostra possui duas categorias competitivas, a mostra nacional e a mostra internacional, e inclui em sua programação debates com diretores, seminários de políticas públicas para infância, oficinas para professores e crianças, sessões itinerantes em escolas públicas, fórum nacional de cinema e educação, além de promover o circuito estadual de cinema para municípios do estado de Santa Catarina. É realizado com patrocínio do Prêmio Catarinense de Cinema, Fundação Catarinense de Cultura e Governo do Estado de Santa Catarina, via Lei de Incentivo à Cultura. O evento é uma realização da Lume Produções Culturais, Ministério do Turismo, Secretaria Especial de Cultura e Governo Federal.

No ano de 2022, ao completar seus 20 anos de realização, o evento expandiu-se e, como uma de suas ações, deu origem ao *mif.kids* – Mercado de Cinema Infantil Florianópolis¹⁴, um espaço de encontro entre agentes do mercado audiovisual e criadores cujo objetivo é fomentar novas realizações. Além da Lume Produções Culturais, o evento é realizado em conjunto com a Esmeralda Produções em produção

¹³ Disponível em: <https://www.mostradecinemainfantil.com.br/quem-somos/equipe/luiza-lins/>. Acessado em: 20 de julho de 2021.

¹⁴ Ver mais em: <https://www.mostradecinemainfantil.com.br/mifkids/>



associada de Paulo Barata, que dirige o evento junto de Luiza Luz Lins e Carla Esmeralda. Essa ação foi oriunda dos Encontros de Mercados que compunham a Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e inspirada nas bem-sucedidas experiências de conexões entre mercado e criadores estrangeiros, como o *Industry Forum* (do New York International Children Film Festival), KIDSCREENN (Miami), m:brane (Balmo), Cinekid for professionals (Amsterdã) e Mip Junior (Cannes).

Festival Internacional de Cinema Infantil (FICI)

O Festival Internacional de Cinema Infantil, dirigido pela dupla Carla Camurati e Carla Esmeralda, foi criado no ano de 2003, reunindo filmes do Brasil e estrangeiros desde sua primeira edição. O evento já exibiu “mais de 1.100 títulos, de 36 países, para um público superior a 1,8 milhão de espectadores (dos quais 930 mil alunos e professores da rede pública de ensino, muitos em seu primeiro contato com o cinema).” O FICI também possui o Fórum Pensar a Infância, reunindo discussões que atravessam as políticas públicas para o fomento ao audiovisual infantil às diversas relações do cinema infantil e outros campos do saber que dedicam atenção à vivência das crianças. O evento promove atividades paralelas como espetáculos de teatro, oficinas, debates, música, dança, clipes e jogos. Possui algumas categorias competitivas e oferece o Prêmio Brasil de Cinema Infantil, uma forma de incentivar a produção audiovisual para este público. Os curtas inscritos são divididos em três sessões, Animação, Histórias Curtas e Mostra *Teen*. Como regra geral, o festival se espalha em diversos Estados e cidades do país, devido à parceria com a rede Cinemark – contudo, para a 18ª edição, em modo totalmente online devido à pandemia, foi criada uma plataforma de *streaming* com salas virtuais divididas de acordo com a temática. O FICI conta com a coprodução da Esmeralda Produções e a realização de Copacabana Filmes e Produções, Secretaria Especial de Cultura, Ministério do Turismo e Governo Federal. A edição remota também contou com o patrocínio da rede Cinemark, através da Lei Federal de Incentivo à Cultura, com o apoio do TeleCine e da Mistika Post.

Festival comKids - Prix Jeunesse Iberoamericano

Com o intuito de incentivar e promover a qualidade na programação infantil brasileiras, e encabeçado por Beth Carmona, surgiu, em 2002, o Centro Brasileiro de Mídia para crianças e adolescentes – a ONG MídiaTiva. O grupo multidisciplinar das áreas de comunicação, cultura e educação posteriormente criou o selo *comKids* e um portal com “o propósito de informação, promoção e difusão de conhecimento sobre produções audiovisuais e digitais para crianças e adolescentes, nas línguas portuguesa



e espanhola” (FIEL; AMÂNCIO, 2021: 183). Dentro do Festival *comKids* surge o *Prix Jeunesse Iberoamericano (PJIBA)*, versão regional do *Prix Jeunesse International*, prêmio mundial de excelência na programação televisiva dedicada à infância que existe há cerca de 60 anos. O *PJIBA* foi iniciado no Chile, em 2003, país onde foram realizadas três edições, e posteriormente passou a ser realizado na capital do estado de São Paulo, com apoio do Goethe Institut e SESC, dentro do *comKids*, e acoplado às ações do grupo liderado por Beth Carmona. Assim, O *comKids – Prix Jeunesse Iberoamericano*, ocorre a cada dois anos, desde 2009, e nos anos pares promove eventos afins, como o *comKids Primeira Infância* e *comKids Interativo*. Possui mostras competitivas que recebem séries, curtas e clips audiovisuais nos formatos de live-action, ficção, não ficção e animação. Dentro de sua programação, o evento promove debates e workshops de formação profissional, além de mostras para as crianças e suas famílias. Trata-se de um ponto de encontro profissional para aqueles que se interessam por conteúdos infantis e pelos temas relacionados à infância. Esse é um importante evento de conexão entre os profissionais independentes, as empresas produtoras e canais televisivos de toda Ibero-América, já que tem como um de seus objetivos a promoção da aproximação dos agentes atentos à produção infantil dentre os países que compõem a região.

Festivais Descontinuados

Uma triste recorrência se mostrou presente durante a análise de nosso mapeamento: a descontinuidade e a desperiodização dos festivais de cinema infantil realizados no país. Por mais que as razões particulares que ocasionaram o término de cada um dos eventos possam apenas ser conjecturadas em nossa pesquisa – por conta da dificuldade de obtenção de informações publicizadas ou de realizar o contato com os organizadores –, é notável que uma parcela considerável das mostras e festivais aqui apresentados possuíram sua primeira edição realizada de maneira independente, sendo possibilitados pelo esforço e desejo de seus produtores. Alguns tiveram as edições seguintes estimuladas através de patrocínios privados e/ou editais de incentivo, o que possibilitou sua continuidade.

Assim, dos 26 eventos listados, contabilizamos o total de oito festivais e mostras de cinema infantil descontinuados. Dentre esses oito, um (12.5%) estava localizado na região Norte, um (12.5%) na região Centro-Oeste, um (12.5%) na região Sul, dois (25%) na região Nordeste e três (37.5%) na região Sudeste. Os dados dão origem ao mapa abaixo:



Figura 3: Mapa de festivais descontinuados por Estado.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Considerações finais

Após darmos uma volta neste Carrossel Encantado, dividiremos aqui algumas considerações que tomam por base a história e os dados acima mencionados. Nossa intenção, neste momento, é chamar a atenção de todas as pessoas interessadas no fomento e manutenção de um corpo espectral para o cinema nacional. Para isto, o público infantil precisa ser percebido como nicho estratégico dentre produtores, realizadores e, especialmente, gestores do setor audiovisual.

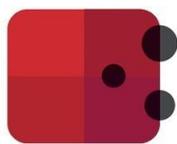
A primeira conclusão obtida com a elaboração deste mapeamento é que, mesmo que o número de festivais no Brasil tenha mais do que dobrado, os eventos voltados para o público infantil/infantojuvenil ainda aparecem com pouca presença. Do total dos vinte e seis eventos audiovisuais apontados nesta pesquisa, ficou evidente que eles se concentram e se espalham com maior facilidade pela região Nordeste, Sul e Sudeste, sendo esta última a região que possui o maior número de salas distribuídas em sua extensão territorial. No Centro-Oeste e no Norte, onde o número de salas de cinema se mostra desproporcional ao tamanho da extensão de cada uma dessas regiões, notamos a escassez de eventos dedicados ao cinema infantil.



Tal escassez, que não é exclusiva das regiões Norte e Centro-Oeste, mas ainda mais notória nelas, pode ser percebida pela ausência de políticas públicas direcionadas à organização de eventos audiovisuais. Outra evidência dessa ausência é o fato de que boa parte dos eventos aqui listados tiveram suas primeiras edições realizadas de forma independente, sem o apoio ou incentivo de qualquer política cultural. Seus organizadores, geralmente produtores atentos às demandas das crianças ou, mais precisamente, à ausência de conexão entre o público e o cinema infantil, empreenderam um enorme esforço para promover seus eventos – que, somente após comprovarem, com seu sucesso, a importância de fazer chegar às crianças os filmes a elas endereçados, passaram a receber algum tipo de apoio e/ou incentivo.

Ainda nesse sentido, cabe mencionar dois acontecimentos que impactaram diretamente no resultado aqui apresentado. Como já citado, o isolamento provocado pela pandemia do novo coronavírus (Sars-CoV-2) afetou diretamente todo o circuito exibidor. Os eventos audiovisuais, que antes ocorriam em espaços físicos, precisaram enfrentar o desafio de virtualizar toda sua grade de programação e experiência. Alguns deles, inclusive, adiaram a realização do ano de 2020 para o ano de 2021, como expusemos no texto. Por outro lado, foi justamente esse acontecimento que possibilitou leis de incentivo destinadas ao setor cultural durante este período – e, como demonstrado, viabilizou a realização de diversos dos eventos aqui listados. A Lei Aldir Blanc, em especial, foi a grande responsável por esses e outros eventos dos mais diversos segmentos da economia cultural. Para além dela, é digna de menção a chamada pública Cultura Infância, lançada pela Secretaria de Cultura do Ceará em 4 de março de 2020. Nesta chamada, o governo cearense destinaria a quantia de, aproximadamente, R\$ 1.5 milhões a projetos dos mais diversos segmentos culturais dedicados ao público infantil, nas seguintes categorias: a) Criação, Produção, Circulação e Fruição; b) Formação e Pesquisa; c) Memória Cultural. Infelizmente, a chamada foi suspensa devido a problemas jurídicos¹⁵ na pasta com o Tribunal de Contas do Ceará (TCE), e os recursos não foram liberados. Dentre os projetos habilitados nela estavam os já mencionados *Festival de Cinema Infantil do Ceará* (FCIC) e o *Cineduca*, que foram realizados mesmo sem os recursos públicos, e também a *Mostra Tapuia de Cinema Infantil*, sobre a qual não foi possível localizar registros de realização. Este fato, novamente, torna evidente o esforço empreendido pelos produtores para realizarem esses eventos audiovisuais. Apesar da problemática jurídica que impediu o repasse das verbas para os eventos citados, o lançamento da chamada é relevante pela

¹⁵ Informação retirada do site: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/07/12/como-o-cancelamento-de-editais-da-secult-impacta-a-cultura-no-ceara.html>



possibilidade de tornar-se um modelo de política pública para as culturas infantis a ser ecoado pelo país, sendo, por este motivo, digna de menção.

Assim, salientamos a importância das discussões em torno de políticas públicas culturais e seus impactos no cenário. Para além das políticas destinadas ao setor audiovisual, percebemos a importância da promoção de políticas públicas especificamente dedicadas à infância. Neste mesmo sentido, aqui apontamos para uma das características dos eventos audiovisuais infantis: a abertura de um espaço que promova discussão em torno de ações e políticas direcionadas ao nicho, bem como a premiação de obras com serviços que proporcionem e/ou apoiem novas realizações. Notamos, ainda, a integração entre esses eventos, que compõem uma rede de agentes afinados e preocupados com a produção audiovisual infantil e com o acesso do público a tais realizações. Inclusive, seus organizadores e realizadores integram o já mencionado “público especializado”, ou seja, mostram-se dispostos a viajarem, conectarem-se e afinarem essa rede de troca e colaboração; pessoas que, mesmo enfrentando altos e baixos, mantêm-se unidas no movimento cíclico desse carrossel encantado, possibilitando encontros, elos, memórias e a distribuição de sorrisos e sonhos entre realizadores e crianças.

Bibliografia

ALENCAR, Miriam. *O cinema em festivais e os caminhos do curta-metragem no Brasil*. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

AMANCIO, Tunico. “Pacto cinema-Estado: os anos Embrafilme”. *ALCEU*, v. 8, n. 15, jul /dez 2007, p. 173-184.

BUTCHER, Pedro. *Hollywood e o mercado cinematográfico brasileiro: Princípio(s) de uma hegemonia*. 2019. Tese (Doutorado em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB*. 9394/1996.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

CAMPOS, Carolina. “Arte e vida: integração social - direito das crianças à educação e expressão artísticas”. *Pensar*, v. 13, n. 1, jan./jun. 2008, p. 65-74.

CORRÊA, Paulo Luz. *Os Festivais Audiovisuais Brasileiros em 2019: Geografia e Virtualização*. São Paulo: Kinofórum, 2020.



FIEL, Arthur. "Cinema, Infância e Televisão: o mercado do conteúdo infantil no cinema e na TV do Brasil". In: VI Colóquio de Cinema e Arte da América Latina e II Colóquio Cinema de Autoria Feminina, 2018, Niterói. *Anais do VI COCAAL e II COCAF*, 2018. p. 67-76.

_____. <http://lattes.cnpq.br/7349087526723649>. *A Tela Encantada: infância e conteúdo infantil na TV do Brasil*. 2019. 208f. Dissertação (Mestrado em Cinema e Audiovisual) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

_____. "Notas sobre o conteúdo audiovisual infantil e novas formas de se produzir para crianças". IN: Tedesco, Marina Cavalcanti; Net, Márcio Brito (Org.). *Outras pontes: abordagens e objetos emergentes no cinema e audiovisual*. 1.ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2020. p. 203-224.

_____; AMÂNCIO, T. "História, política e narrativas infantis". *Revista GEMInIS*, v. 12, n. 1, 27 jun. 2021, p. 173-188.

LEÃO, Tânia. "O formato 'festival' em questão". In: *VII Encontro Anual da AIM*. 2017. Livro de Atas do VII Encontro Anual da AIM, p. 63-73.

MATTOS, Tetê. "Festivais pra quê? Um estudo crítico sobre festivais audiovisuais brasileiros". In: BAMBA, Mohamed (Org.). *A recepção cinematográfica: teoria e estudos de casos*. Salvador: EDUFBA, 2013. p. 117-131.

_____; LEAL, Antônio. "Festivais Audiovisuais Brasileiros: um diagnóstico do setor". In: *V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 2009, Salvador. V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador: Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2009, v.1. p.1-16.

MELEIRO, Alessandra (org.). *Cinema e mercado: indústria cinematográfica e audiovisual brasileira - Vol. III*. São Paulo: Escrituras, 2010.

MELO, João Batista. *Lanterna Mágica: infância e cinema infantil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SILVA, Marilda Samico da. "A importância de Políticas Culturais na vida de crianças e jovens". In: CABRAL, Eula Dantas Taveira (Org.). *Comunicação, Cultura e Informação em perspectiva*. 1ed. Divinópolis: Meus Ritmos Editora, 2020, v.1. p. 203-214.

VALENTE, Eduardo. "Noções de Infância e Educação: filmes infantis". *Revista Contracampo*. 2000. Disponível em: <http://www.contracampo.com.br/13-14/filmeinfantil.htm>. Acessado em: 16 de março de 2021.

WONG, Cindy Hing-Yuk. *Film Festivals: Culture, People, and Power on the Global Screen*. Rutgers University Press, 2011.